

PAULO HARTUNG - governador do Estado

# “Oposição no Estado está no desespero”

“Hoje temos dois quadros importantes do nosso campo político disputando a vaga do Senado – Renato Casagrande e Luiz Paulo Vellozo Lucas. Pode ser que chegue em junho e possamos colocar um para o governo e outro para o Senado”

ANTONIO MOREIRA/AT



## Coisas nunca antes ditas

O governador Paulo Hartung (PMDB) recebeu a reportagem de *A Tribuna* na última sexta-feira pela manhã. Tranquilo ao responder as perguntas, embora tivesse um tempo limitado para a conversa, ele disse ao final da entrevista que havia dito coisas nunca antes mencionadas.

Questionado se, sob todos os aspectos, valeu e está valendo administrar o Estado, Hartung respondeu que, em-

bora seja uma luta dura, sente-se feliz com tudo o que está sendo realizado.

“Está valendo à pena. Estou muito feliz com os resultados que nós estamos atingindo, a luta é dura. Não tem como comparar a complexidade das relações institucionais que temos de administrar todos os dias, com interesses dos mais diversos”, explicou.

Também comentou sobre as críticas e os movimentos de

desestabilização do governo do Estado e disse ter consciência de que os corruptos ainda tentam virar o jogo e voltar ao poder.

“Conseguimos desarticular a teia criminoso, mas as pessoas estão aí por falhas na legislação brasileira, nas instituições. Gente que acumulou dinheiro, influência, gente que é capaz de fazer de tudo pelo poder e por aquele padrão que vivemos no Estado”, alertou.

paga pelo erro.

– Na última semana o PDT, partido da oposição, criticou alianças do governo com deputados estaduais investigados e apontou falhas em diversas áreas...

– Não assisti ao programa, mas ele (PDT) entra numa linha de certo desespero em relação à conjuntura política. A oposição está no desespero. Isso tem levado à antecipação de uma discussão que só vai acontecer no segundo semestre.

Abolimos todas as práticas ilegais na Assembléia e conseguimos aprovar projetos. Essa é a questão. Não somos mágicos, es-

tamos fazendo no convencimento.

Seria importante saber como isso foi feito ao longo desses anos na Câmara da Serra. Na Assembléia é transparente. É difícil pa-

“Se alguém quer discutir, vai ter que explicar por que a Serra se tornou o município mais violento do País. Eu não estava no governo quando isso ocorreu”

ra um partido (PDT) que esconde um parlamentar, desde o início do mandato, que está respondendo processo por erros cometidos nessa legislação.

A população está vendo que há problemas de violência no Es-

tado, mas que isso também é nacional. Seria fácil criticar se pudesse dizer: ‘olha, ao mesmo tempo em que Hartung está no governo, um governador do nosso partido acabou com a violência em determinado lugar’. Só que esse exemplo, infelizmente, não existe.

Essas questões são boas para serem tratadas superficialmente, fazendo ataques pontuais, mas isso não adianta. Se alguém quer discutir, vai ter que explicar por que a Serra se tornou o município mais violento do País. Eu não estava no governo quando isso ocorreu.

– O senhor não confirma se vai ser candidato à reeleição, mas estaria disposto a ficar sem mandato?

– Estaria disposto. Isso é da vida, fui prefeito e fiquei fora do processo, fui cuidar da minha vida e estou tranquilo porque foi criada uma base sólida para o Estado desenvolver.

Devemos discutir eleição no final de junho e é importante que isso seja feito na hora certa. Meu objetivo está sendo cumprido. Tinha vontade de voltar para o Senado, não escondi isso, de voltar para a política nacional, mas senti que a maré não legitimava essa minha disposição.

Conversei com amigos, equipe de governo, fiquei no cargo e isso me coloca a responsabilidade de ir até o final, de cumprir os quatro anos e é o que estamos trabalhando.

O ideal da minha cabeça é que até junho amadureça alguém do bloco político em que estamos para que venha a me substituir, aprimorar e aprofundar o trabalho que estamos fazendo.

– Que nomes estão sendo cotados para vaga?

– Existem nomes que podem cumprir essa função. Vamos olhar e fazer uma análise disso, conversar e ouvir todos. Não é uma decisão isolada, por mais carinho que as pessoas tenham a mim, um caminho precisa ser legitimado pelos prefeitos, lideranças dos partidos, empresários e forças sociais.

Hoje temos dois quadros importantes do nosso campo político disputando a vaga do Senado – o deputado federal Renato Casagrande (PSB) e o presidente do PSDB, Luiz Paulo Vellozo Lucas. Pode ser que chegue em junho e possamos colocar um para o governo e outro para o Senado, não tem nem briga.

Vamos com calma, sempre fiz política e aprendi cada vez mais a fazê-la na hora certa, com tranquilidade. Vou tentar manter o movimento da pacificação política.

– O senhor tem uma posição relutante com relação à reeleição.

– Não sou simpático. Fernando Henrique Cardoso não devia ter seguido esse caminho. Não é da nossa tradição. O próximo presidente, seja ele quem for, e o próximo Congresso, vão acertar isso.

Se pudéssemos ter mandato de cinco anos, em uma só ter eleições para todos os cargos, e ter a proibição de reeleição para o Executivo, como era anteriormente, organizaríamos muito melhor a política. Por isso eu queria ser senador, para discutir essas idéias.

– É por essa convicção que o senhor reluta em afirmar se vai disputar a reeleição?

– Acho que sim. Oito anos é um tempo muito longo. Tenho sido cauteloso em falar isso, mas essa tarefa não é leve, é muito pesada, não tem na minha vida nada que tenha feito que tivesse de usar tanta energia pessoal.

É difícil, mas gratificante. Lutei por isso porque sabia que ia fazer a diferença. Uma pessoa ficar nesse lugar muito tempo é uma sobrecarga.

Ao avaliar os três anos e meio à frente do Executivo estadual, o governador Paulo Hartung (PMDB) ressaltou que muitos desafios ainda permanecem, mas que o projeto foi concretizado e que precisa ser continuado, embora não necessariamente por ele.

O governador preferiu mais uma vez não falar sobre seu futuro político, mas alfinetou o PDT, partido que criticou a atual administração em programa eleitoral na TV, na última segunda-feira.

Neste entrevista, Hartung aborda também a segurança pública, classificando como “grave” a ação de presos que mandam matar de dentro das cadeias.

DANIELLY MAGIONI

**A Tribuna – Próximo a completar o mandato como governador, o senhor está satisfeito com o que já foi realizado?**

**Governador Paulo Hartung (PMDB)** – Estamos na direção da metade do último ano de governo e o balanço que fazemos dessa caminhada é extremamente positivo. Conseguimos ir muito além do que planejávamos.

Temos que cumprir tarefas do presente, preparar o Estado para o futuro e é essa idéia que estamos desenvolvendo, de olhar para frente, sabendo como potencializar as oportunidades e desviar dos obstáculos. Um dos grandes desafios é melhorar o serviço, em relação a todas as áreas.

– Existe um projeto que mereceria mais quatro anos de governo?

– Mais quatro não, mais 20, 25, que é o projeto que estamos desenvolvendo, mas para isso não precisa de um personagem, de uma única pessoa. Acho que mais importante do que a liderança é o projeto.

Quem pensa num período de governo pensa pequeno. Temos que pensar nos filhos, netos, nas futuras gerações, pensar grande. Hoje criamos uma base sólida no Estado e temos um bom projeto que precisa crescer com foco na possibilidade de fazer a inclusão social.

– Em pouco mais de três anos dois episódios de afastamentos de deputados estaduais marcaram a Assembléia Legislativa. No início do mandato foram sete e agora cinco. Como o senhor vê essa situação?

– Acho que é um momento de transição que estamos vivendo no Estado. A primeira coisa que importante é que nada disso aconteceu no nosso governo.

A Assembléia está funcionando desde o início da nossa administração com outro método de relacionamento com o Executivo. Mensalão? Isso acabou quando cheguei ao governo. Estamos organizando as votações, aproveitando projetos do governo e, assim por diante, com outro padrão, democrático, e que fez uma ruptura com esse passado.

A segunda é que o governo não protege ninguém que comete erros, seja no presente, no passado ou no futuro. Não tem mais esse negócio de que pode errar. Ninguém está autorizado. Estamos mexendo com dinheiro público e isso é sagrado. Errou,